

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. LICENCIATURA

Jussara Mannes

**A Educação Física Escolar na formação dos atletas olímpicos de Santa
Catarina**

Florianópolis

2023

Jussara Mannes

**A Educação Física Escolar na formação dos atletas olímpicos de Santa
Catarina**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva

Coorientadora: Profa. Bruna Letícia de Borba

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mannes, Jussara

A Educação Física Escolar na formação dos atletas olímpicos de Santa Catarina / Jussara Mannes ; orientadora, Carolina Fernandes da Silva, coorientadora, Bruna Leticia de Borba, 2023.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Jogos Olímpicos. 3. Santa Catarina. 4. Escola. 5. Atletas. I. Silva, Carolina Fernandes da. II. Borba, Bruna Leticia de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Termo de Aprovação

Jussara Mannes

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DOS ATLETAS OLÍMPICOS DE SANTA CATARINA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso Educação Física.

Florianópolis, 11 de julho de 2023.

Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso - Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Carolina Fernandes da Silva - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Bruna Letícia de Borba - Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Júlia Albino Sardá - Titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Sara Fantin Ribeiro Engel - Titular
Universidade Federal de Santa Catarina

A jornada acadêmica, permeada por pausas revigorantes para o café, nos revela a importância das amizades construídas ao longo do caminho, que além de compartilharem momentos de estudo e desafios, se tornam apoio e inspiração para alcançar os objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria e força, por me guiar e iluminar durante toda a jornada acadêmica, proporcionando as oportunidades e os recursos necessários para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amados pais José e Terezinha, por serem minha base sólida, meu apoio incondicional e por acreditarem em mim desde o início. Vocês são a razão de todas as minhas conquistas e a inspiração para seguir em frente.

Às minhas queridas irmãs Juliana e Julia, pela cumplicidade, pelo amor e pelo constante incentivo ao longo dessa jornada. Vocês são verdadeiros pilares em minha vida.

Aos meus adoráveis sobrinhos Arthur e Luíza, que trouxeram leveza e alegria durante a escrita deste trabalho. Suas risadas e brincadeiras foram um bálsamo para os momentos de desafio.

Ao meu amado namorado Matheus, que chegou no final dessa caminhada, trazendo seu apoio, compreensão e carinho. Sua presença trouxe ânimo e motivação para a reta final da escrita deste TCC.

À minha orientadora Carolina, pela aprendizagem e paixão a nossa área de pesquisa. Sua orientação dedicada e paciência ao longo de todo o processo foram fundamentais para a qualidade deste trabalho.

À minha coorientadora Bruna, por sua valiosa colaboração, orientação e sugestões construtivas. Sou imensamente grata pela convivência e aprendizado conjunto.

Ao grupo de pesquisa Sôma, do qual fiz parte durante minha vida acadêmica, por proporcionar um ambiente de troca de conhecimentos, debates enriquecedores e aprendizado contínuo.

Aos meus queridos colegas de curso, pelos momentos compartilhados, pela parceria e pela amizade construída ao longo desses anos. Agradeço por todas as experiências e pelo apoio mútuo.

A todos os demais familiares, amigos e professores que, de alguma forma, contribuíram para minha formação e enriqueceram minha jornada acadêmica, meu sincero agradecimento.

RESUMO

O presente estudo visa compreender como a Educação Física Escolar estabelece relações com a trajetória dos atletas olímpicos de Santa Catarina para a participação nos Jogos Olímpicos (JO) de Verão de 2016. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo por meio de entrevistas semiestruturadas. Deste modo, buscou-se, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, informações dos atletas olímpicos catarinenses que participaram da edição dos Jogos Olímpicos (JO) de Verão de 2016. Os atletas são importantes atores dos JO, entretanto, raramente são identificados como um dos elementos estruturais de constituição deste histórico megaevento. No levantamento de referencial teórico realizado, constata-se que há poucos materiais científicos disponíveis e publicados acerca da história do esporte olímpico catarinense e, ainda menos, sobre a participação dos atletas olímpicos catarinenses. Para tanto, foram realizadas oito (8) entrevistas, a saber: três (3) atletas do Rugby; um (1) atleta da Ginástica Rítmica; um (1) atleta do Tiro Esportivo; um (1) atleta do Ciclismo de estrada; um (1) atleta do Hóquei sobre grama; e um (1) atleta do Remo. Concluímos que a vivências de várias práticas ensinadas nas aulas de educação física contribuíram para os atletas desenvolverem suas habilidades esportivas fundamentais. Em particular, destaca-se que as práticas de competição presentes nas aulas de educação física e as vivências em várias esferas de aprendizagem presentes nas escolas despertaram seu interesse pelos esportes e influenciaram os catarinenses a competir nas Olimpíadas.

Palavras chave: Jogos Olímpicos; Santa Catarina; Escola; Esportes; Atletas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior
CBA ^t	Confederação Brasileira de Atletismo
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CDS	Centro de Desportos
CEMEFID	Centro de Memória da Educação e do Desporto
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COI	Comitê Olímpico Internacional
DEF	Departamento de Educação Física
JO	Jogos Olímpicos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MO	Movimento Olímpico
OLESC	Olimpíadas Escolares de Santa Catarina
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
SC	Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	20
2.1.1	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E FORMAÇÃO ESPORTIVA: TRAJETÓRIA DOS ATLETAS.....	20
2.2	TRAJETÓRIA DE ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS.....	26
3	METODOLOGIA.....	28
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é as relações entre a Educação Física Escolar e a trajetória de atletas de Santa Catarina até os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016. Levando em consideração as dimensões do esporte que estão relacionadas à educação fora da sala de aula, da técnica esportiva, bem como suas regras e resultados, reconhece-se que a prática esportiva pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, valores éticos, trabalho em equipe, liderança, superação de desafios, entre outros aspectos que vão além do contexto puramente esportivo.

Além disso, a relação entre esporte e escola também aborda a dimensão técnica do esporte, ou seja, o ensino das habilidades e técnicas esportivas propriamente ditas, garantindo que os alunos tenham oportunidades de aprender e aprimorar suas habilidades esportivas durante as aulas de Educação Física. Nesse contexto, a Educação Física desempenha um papel significativo ao possibilitar vivências corporais, incluindo a prática esportiva, como parte do currículo escolar.

Os documentos oficiais que regem a Educação Física Escolar em Santa Catarina, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)¹ de 1997 e as Diretrizes Curriculares Estaduais, estabelecem a importância do esporte como conteúdo a ser trabalhado nas escolas. Os PCN's (BRASIL, 1997) enfatizam a importância de oferecer aos alunos uma diversidade de modalidades esportivas, com o objetivo de desenvolver competências motoras, cognitivas e socioafetivas.

Como nos aponta Bracht (2003), ao discutir esporte e educação, é importante ter em mente que se tratam de instituições com universos simbólicos muito distintos. Conciliá-los e/ou retê-los é o grande desafio. Todo saber que busca ingressar em uma escola é “obrigado” a passar pelos rigores dessa instituição, pois as escolas têm requisitos que devem ser respeitados.

Isso significa que, ao proporcionar uma base sólida de conhecimentos e experiências esportivas durante a fase escolar, a Educação Física pode identificar e estimular o desenvolvimento de talentos esportivos. Através da prática esportiva na

¹No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), foi publicado em sua primeira versão no ano de 1997, pelo então Ministério da Educação e do Desporto, os PCN's, que se configura como um documento de caráter referencial para os sistemas de ensino, tanto para as discussões curriculares, como de outros aspectos do campo educacional.

Educação Física Escolar, os alunos podem despertar um interesse especial por um determinado esporte, demonstrar aptidões físicas e técnicas acima da média, e encontrar motivação para aprofundar sua trajetória esportiva fora do ambiente escolar. A partir dessa iniciação esportiva na Educação Física Escolar, alguns alunos podem progredir para níveis mais altos de treinamento e competição, eventualmente alcançando o status de atleta de alto nível.

Salienta-se que o esporte se apresenta para a sociedade contemporânea como uma manifestação cultural de grande amplitude social, tanto do ponto de vista do alcance e performance do espetáculo, como da atividade profissional e comercial que representa em escala global. Em todo o mundo, a cobertura midiática dedica espaços cada vez mais consideráveis ao noticiário esportivo, mobilizando significativo volume de recursos pelos chamados megaeventos esportivos (RUBIO, 2008).

De acordo com Roche (2000), os megaeventos possuem amplo apelo cultural e significativa relevância internacional. A participação governamental tem ampliado, na mesma proporção, o investimento de recursos públicos destinados a projetos esportivos nas diferentes facetas que o esporte integra, como políticas de saúde, cultura, inclusão social e educação. Na realidade dos programas e projetos de políticas públicas, o esporte educacional – reconhecido como uma das manifestações do esporte – aparece em meio à ambivalência de duas outras formas: o esporte de participação e o esporte de rendimento (BRACHT, 2005). Isso porque as atividades relacionadas ao esporte educacional desencorajam tanto as competições baseadas na seleção e busca do melhor desempenho quanto as iniciativas que visam ampliar o acesso e a adequação do esporte e o desenvolvimento de valores por seu caráter ostensivamente formativo (BASSANI; TORRI; VAZ; 2003).

A própria legislação nacional prevê essa distinção. E o esporte, representado por desporto² educacional, significa:

§1º O desporto educacional pode constituir-se em:

I - esporte educacional, ou esporte formação, com atividades em estabelecimentos escolares e não escolares, referenciado em princípios socioeducativos como inclusão, participação, cooperação, promoção à saúde, co-educação e responsabilidade; e II- esporte escolar, praticado pelos

²Melo (2010) define que, originalmente, utilizava-se no Brasil e em Portugal o termo sport, importado juntamente com o modelo esportivo da Inglaterra. Posteriormente, Portugal adota a utilização do termo desporto, também adotado no Brasil, legitimando-se principalmente no campo legislativo. Apesar da adoção da palavra esporte ser amplamente utilizada para descrever o fenômeno no Brasil, ocasionalmente os textos continuam a utilizar o termo desporto para descrevê-lo.

estudantes com talento esportivo no ambiente escolar, visando à formação cidadã, referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo, podendo contribuir para ampliar as potencialidades para a prática do esporte de rendimento e promoção da saúde (BRASIL, 2013).

Como está previsto na lei, o esporte educacional consistiria em eventos esportivos competitivos baseados no desempenho dos princípios de rendimento, enquanto o esporte escolar consistiria em atividades esportivas participativas com objetivos socioeducativos. Desde a década de 1960, diversas características tidas como fundamentais para o desenvolvimento da sociedade brasileira foram inseridas no esporte como princípio de formação individual. As regras, o espírito de competição, a rivalidade e a camaradagem do esporte aos poucos foram se fundindo aos significados associados às aulas de educação física, passando a ser entendidas como objetivos de aprendizagem propostos e almejados para o pleno desenvolvimento do aluno (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014).

De acordo com Paes e Amaral (2017, p. 716), “o termo “esporte escolar” foi a primeira referência de políticas públicas para o público estudantil e baseava-se unicamente na realização de campeonatos escolares”. Com o passar do tempo, esse termo foi substituído por "esporte educacional", que passou a abranger todas as formas de atividades envolvendo alunos (TUBINO, 2010). Devido à sua proximidade com mecanismos do esporte de alto rendimento e grandes eventos esportivos, o esporte educacional é alvo de ações de valorização momentânea que visam fomentar a identificação de novos talentos para o avanço efetivo do desenvolvimento atlético (ALMEIDA; BRACHT, 2003). Além disso, o aumento dos gastos específicos ao setor seria direcionado para estimular a prática de atividades físicas, como espaço de saúde e qualidade de vida para a população (BETTI, 2009).

Segundo Azevedo (2004), as representações sociais dominantes estimulam as relações sociais que se evidenciam nos sistemas de dominação, conferindo significados que orientarão os processos de formulação e implementação política. Como resultado, conforme Paes e Souza Júnior (2014), surgiu no Brasil um sistema que buscava integrar as atividades atléticas e dividi-las em níveis hierárquicos; este sistema recebeu o nome, entre outros, de modelo piramidal. Após a publicação do “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil” em 1971, o modelo hierárquico da pirâmide esportiva passou a ser estabelecido como o arquétipo da política esportiva brasileira (OLIVEIRA, 2012).

Neste modelo, para chegar ao topo da pirâmide, que se caracteriza pelo esporte de alto rendimento, o indivíduo deve passar por diversas etapas durante as quais irá se nivelando e se ajustando de acordo com as exigências e o número de participantes (PAES; AMARAL, 2017). A base da pirâmide seria a Educação Física Escolar, seguida da construção de infraestrutura urbana essencial para sustentar esse modelo. O próximo nível da pirâmide foi focado na promoção de organizações atléticas baseadas na comunidade, incluindo clubes, ligas e federações. Essas organizações tinham um grau mais especializado que se baseava nos limites entre amadorismo e profissionalismo. O topo da pirâmide seria o esporte de alto rendimento (OLIVEIRA, 2012). Segundo esse princípio hierárquico, o país produziria maior número de atletas se mais alunos tivessem acesso ao esporte escolar, pressuposto como a própria Educação Física. A massificação do esporte que começou dentro das escolas possibilitaria encontrar futuras estrelas que ajudariam nas fases posteriores do modelo, que incluiria a elite (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014). Nesse contexto, o método piramidal de desenvolvimento atlético ganhou legitimidade ao estabelecer sua fundamentação em processos educativos.

Quando se trata do esporte escolar ou Educação Física, Oliveira (2009) afirma que o sistema educacional brasileiro tem falhado em seu papel de transmissor de cultura, mas também não se transformou em um "celeiro de atletas" como almejava o ideário militar, o que se reflete em algumas políticas oficiais, como, por exemplo, alguns programas vigentes do Ministério do Esporte voltados para as escolas³. Isso não quer dizer que o esporte não tenha se tornado sinônimo de Educação Física na maioria das escolas brasileiras, mas limita o acesso dos alunos a diversos outros produtos da cultura relacionados ao corpo e suas manifestações (OLIVEIRA, 2009).

Ressalta-se que a presença do esporte na escola não pode limitar-se a jogar apenas com o objetivo de vencer. Segundo Kunz (1994), a organização é essencial, principalmente tendo objetivos educacionais, pois sem ela, os alunos já praticam atividades esportivas fora da sala de aula. Estar envolvido em atividades educacionais, como um evento esportivo, pode ajudar no seu desenvolvimento, melhorando tanto as habilidades motoras como jogadores quanto seu aprendizado

3 Alguns exemplos: Seleções do Futuro; Programa Segundo Tempo; Bolsa Atleta Categoria Estudantil; Lei nº 11.438/06 – Lei de Incentivo ao Esporte (LIE). Para maiores informações: visite o site do Ministério do Esporte: <http://www.esporte.gov.br>.

social. Mais do que ganhar ou perder, o que serve de alicerce é o respeito aos adversários e a determinação necessária para vencer os desafios. Isso justifica a importância do esporte na escola como um grande aliado para o ensino, podendo ser inserido com seus componentes educacionais para oportunizar a vivência do esporte com a participação de todos.

No entanto, é importante ressaltar que a prática da Educação Física Escolar sozinha não garante automaticamente a formação de um atleta de alto nível. A iniciação esportiva proporcionada pela Educação Física é apenas o primeiro passo em um processo mais amplo de desenvolvimento esportivo, que envolve fatores como treinamento especializado, apoio familiar, oportunidades competitivas e dedicação pessoal.

Mesmo consolidando um canal de discussão política entre atores do setor esportivo proporcionado principalmente pela efetivação dos Jogos Olímpicos (JO), o esporte educacional ainda não se mostrou como pauta importante neste diálogo. Desde o início da intervenção estatal no esporte, a manifestação do alto rendimento tem maior valorização e predominância das iniciativas (OLIVEIRA, 2012). Além disso, esse grande evento esportivo pode ser uma oportunidade de reflexão sobre o multiculturalismo ao estabelecer na sala de aula o reconhecimento da igualdade de todos, a rejeição da intolerância e a prática da compreensão (RUBIO, 2009). Porém, há alguma incerteza sobre como os professores conseguirão lidar com a perspectiva dos JO em suas salas de aula visto que "em tempos de megaeventos esportivos, a circulação [social] de ideias de projetos para uma Educação Física Escolar e o esporte federativo formal aumenta" (BETTI, 2009, p. 16). É fundamental ressaltar que o papel do professor é de suma importância na direção dessas ações, pois é por sua iniciativa, "e não apenas da escola em geral ou de políticas públicas, que reside a possibilidade de uma prática educativa redefinida" (OLIVEIRA, 2010, pág. 178).

Na recente história dos megaeventos, elites e a grande mídia são responsáveis por apontar as razões e justificar um investimento significativo na consolidação desses eventos por se basear principalmente no apelo simbólico e destacar aspectos intangíveis (MARCHI JÚNIOR et al, 2014). Tal expansão também se observa na comunidade científica por meio do crescente número de pesquisas dedicadas a investigar o fenômeno esportivo sob diferentes perspectivas (REPPOLD FILHO; PINTO; RODRIGUES; ENGELMAN, 2009).

Pierre Bourdieu (1997) vê o espetáculo olímpico, que foi aprimorado ao longo dos anos pela exposição televisiva, como um catalisador para a política esportiva dos estados, impulsionada pelo sucesso internacional, bem como pela exploração da participação do espectador e dos benefícios econômicos das vitórias. Dentre as diferentes manifestações do fenômeno esportivo, os Jogos Olímpicos ocupam um lugar de destaque. Concebidos na sua restauração à Era Moderna para ser um grande festival de conagração das nações, ao longo do século XX, cresceram em tamanho e importância, sendo considerado “o maior espetáculo da Terra” (PRONI, 2004, p. 2). Os JO foram um dos elementos disseminadores do esporte moderno pelo mundo.

As Olimpíadas modernas ressurgiram ancoradas nos Jogos da Era Clássica e seu idealizador, o educador francês Pierre de Coubertin, procurou resguardar os princípios do ideal Olímpico grego, que transcendiam a concepção dos Jogos como apenas uma competição atlética, associando a prática esportiva a uma filosofia de educação pelo esporte, atuando no comportamento da sociedade e dos indivíduos, formando o caráter por meio de uma ação educadora, contemplada por meio do conceito de Olimpismo (DACOSTA et al., 2005).

O termo Olimpismo, utilizado por Pierre de Coubertin pela primeira vez em 1911 (DACOSTA et al., 2005), se refere aos “valores olímpicos”, a fim de resgatar valores humanos fundamentais, tais como respeito, cidadania e solidariedade por meio de atividades esportivas. A definição de valor foi revisada por DaCosta, Miragaya, Gomes e Turini (2007, p. 13) sendo definida como “uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais e culturais”. Para Reppold Filho et al. (2009, p. 21), essa definição é voltada para o ambiente escolar, por mostrar-se “mais coerente para desenvolvimento de uma pedagogia do esporte na escola”, pois ela trata não somente as qualidades atléticas, mas do todo educacional.

Os princípios fundamentais do Olimpismo estão expressos na Carta Olímpica e demonstram a estreita relação dessa concepção com o processo de educação, ancorado em uma visão humanista (COI, 2018, tradução nossa), os quais são vistos e revistos constantemente ao longo da história deste evento, como, por exemplo, excelência ou espírito de superação, igualdade entre os participantes das disputas, jogo limpo ou ética esportiva (RÚBIO, 2009).

Para contribuir com a discussão, desde a perspectiva da História Cultural⁴, tais princípios, instituições e discursos configuram o que essa teoria entende pelo conceito das representações (PESAVENTO, 2005). Considerando esta interpretação acerca da observação levantada por Parry (2006), que aponta na mesma direção ao propor o entendimento dos valores como algo culturalmente relativo. Por este motivo, não há consenso na comunidade acadêmica e a definição do Olimpismo continua em aberto (TAVARES, 1999). Isso significa dizer que haverá diferentes concepções de Olimpismo, as quais, por sua vez, interpretarão o conceito de forma a atualizá-lo para determinado contexto em que se vive. Neste sentido, compreende-se que a Educação Física Escolar, como parte do contexto histórico-sociocultural do atleta, desempenha um papel relevante na construção de sentidos e incorporação de percepções sobre os valores olímpicos e a sua trajetória e participação nos Jogos Olímpicos.

Essa relação entre Educação Física Escolar, contexto histórico-sociocultural e valores olímpicos é fundamental para promover uma formação esportiva mais ampla e para estimular nos alunos/atletas a compreensão e a vivência dos princípios olímpicos, não apenas no âmbito esportivo, mas também em sua vida cotidiana.

Portanto, observa-se que o personagem central que mobiliza no imaginário esse espetáculo historicamente, em grande medida, continua sendo a figura do atleta olímpico (RUBIO, 2016). Nesse sentido, o esporte olímpico engendra diversas manifestações, sobretudo quanto a figura do atleta, sendo os principais meios de divulgação a mídia televisiva, impressa e online. Os meios de comunicação constroem ideias e imagens que conferem a condição de figura espetacular aos atletas, protagonistas da competição (RUBIO, 2008; 2019). Independente das interferências midiáticas, esse imaginário olímpico compõe o que se pode considerar como um patrimônio da memória coletiva que, por sua vez, conforma a consciência histórica de um povo, uma vez que é notória a capacidade simbólica que as Olimpíadas representam (SIQUEIRA; FONSECA, 2017).

Através das aulas de Educação Física, os alunos têm a oportunidade de conhecer e vivenciar os valores e símbolos associados às Olimpíadas. A Educação Física Escolar pode explorar a história dos JO, as conquistas de atletas olímpicos e

4 A perspectiva teórica da História Cultural busca compreender as sociedades e culturas por meio da análise das práticas culturais, representadas e significados atribuídos por indivíduos e grupos ao longo do tempo. Essa abordagem considera a cultura como um conjunto de valores, crenças, costumes e expressões materiais e imateriais que moldam as identidades e as relações sociais (BURKE, 2005; CHARTIER, 1990).

as ideias e princípios que estão associados a esse evento esportivo global. Além disso, ao lidar com o imaginário olímpico, a Educação Física Escolar pode estimular uma reflexão crítica sobre as influências midiáticas e suas representações sobre as Olimpíadas. Os alunos têm a oportunidade de analisar as diversas narrativas e imagens divulgadas pela mídia, desenvolvendo a capacidade de interpretar e questionar as informações que recebem.

Portanto, é importante narrar essas histórias por meio da memória daqueles que dela participaram. De acordo com Rúbio (2019), as narrativas dos atletas olímpicos podem colaborar para a formação de um imaginário esportivo. Em sua pesquisa, esta autora buscou entender as trajetórias de atletas, percebendo-os como únicos, heterogêneos e singulares, que ao serem rememoradas, permitem que os atletas as ressignifiquem, já que foram retomadas de um outro tempo. Esse tipo de investigação permite a ampliação de conteúdos “para o entendimento de uma esfera maior, como o grupo social de pertencimento, a modalidade praticada, os resultados obtidos naquele momento histórico e o esporte olímpico brasileiro de forma mais ampla” (RÚBIO, 2019, p. 19).

Com isso, chegou-se ao problema de pesquisa adotado neste trabalho: como a Educação Física Escolar estabelece relações com a trajetória dos atletas olímpicos catarinenses que participaram dos Jogos Olímpicos do Rio 2016?

Esta pesquisa justifica-se levando em consideração que no levantamento realizado na literatura, constata-se que há poucas iniciativas de preservação dessa memória olímpica no que tange aos atletas a nível regional. Tal lacuna se apresenta também no meio científico, em que se encontram poucas publicações regionalizadas que abarquem a história e a memória dos JO sob a perspectiva de atletas (RUBIO, 2019; CHARTIER, 2011). As publicações sobre a participação de atletas do Brasil nos JO (RUBIO, 2004; 2006), em geral, destacam os medalhistas, não dando enfoque aos que não conquistaram medalhas de ouro, prata ou bronze (MARTINI, 2013). Neste cenário, não foram identificadas produções científicas que tratassem especificamente das memórias das trajetórias dos atletas olímpicos de Santa Catarina a partir da subjetividade do próprio atleta, ou seja, a partir da visão de quem vivenciou o campo do esporte catarinense.

A pesquisa visa preencher uma lacuna no conhecimento, destacando a importância do esporte no contexto educacional contribuindo para ampliar o conhecimento sobre o papel da Educação Física Escolar na sua formação esportiva.

A investigação desse tema permitirá também identificar as influências e as experiências vivenciadas pelos atletas em relação ao esporte na escola, bem como a possível contribuição dessas vivências para o seu desenvolvimento esportivo.

Nesse sentido, ao buscar publicações que tenham utilizado de narrativas orais sobre as memórias destes atletas, foi encontrado um artigo que utiliza de entrevistas, intitulada “Narrativas de atletas de voleibol o Jogos Olímpicos (1964 e 1968)”. Esta publicação teve como objetivo reconstruir a memória das participações de Marco Antônio Volpi e Gérson Albino Schuch, atletas de voleibol do Rio Grande do Sul, nos JO de 1964 e 1968. Para isso, os autores Carmona, Silva e Mazo (2015) realizaram entrevistas com os atletas.

Outro artigo que trata da memória de atletas olímpicos, mas novamente do Rio Grande do Sul, foi desenvolvido pelos autores Mazo, Silva e Baia (2017). O artigo apresenta a trajetória do atleta olímpico do Rio Grande do Sul Willy Seewald, desde o começo de sua prática esportiva, passando pela sua participação nos JO de 1924, até o fim da sua carreira. A análise documental foi realizada em reportagens de jornais, revistas, almanaques esportivos, site da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), carta, diploma e medalha de participação nos JO de 1924, medalhas de competições regionais, brasileiras e sul-americanas. Porém, neste estudo foram realizadas entrevistas com o único irmão vivo de Willy na época da pesquisa, o senhor Erich Seewald, e com sua filha Simone Seewald Albrecht, sobrinha de Willy (MAZO; SILVA; BAIA, 2017).

Sobre a trajetória de atletas olímpicos de Santa Catarina, foi encontrado apenas um estudo, produzido por Silva, Borba e Mazo (2021). Todavia este não utiliza fontes orais, mas jornais publicados no estado de Santa Catarina durante o início da década de 1930 (SILVA; BORBA; MAZO, 2021). Diante disso, destaca-se que não foram encontrados estudos que analisem as percepções dos atletas olímpicos sobre a Educação Física Escolar e a sua trajetória esportiva. Dentre as produções encontradas, estas foram selecionadas por se aproximarem do presente estudo.

Nessa direção, a realização deste estudo preencherá um pouco dessa grande lacuna de preservação da memória esportiva catarinense e brasileira, investigando a relação estabelecida pela Educação Física Escolar com a trajetória dos atletas olímpicos catarinenses que participaram dos JO do Rio 2016, promovendo assim a representatividade e preservando as histórias dos personagens que compõem parte do passado esportivo como prática cultural e sociopolítica. Além disso, se considera

significativo investigar a forma como a Educação Física Escolar influenciou a trajetória esportiva dos atletas, destacando a importância dessa disciplina como parte integrante da formação esportiva dos alunos. Isso contribui para fortalecer a sintonia da Educação Física dentro do currículo escolar e sua contribuição para o desenvolvimento esportivo dos estudantes.

A pesquisa mostra a possibilidade de conciliar a Educação Física Escolar com a trajetória esportiva de alto rendimento, despertando o interesse dos alunos em buscar uma carreira esportiva ou simplesmente manter uma vida ativa e saudável, pois ao conhecer a trajetória dos atletas olímpicos de Santa Catarina, os estudantes podem se inspirar e ser motivados a se engajar na prática esportiva.

Destaca-se que realizar estudos que se aproximem das sensibilidades de atletas olímpicos, com o objetivo de relacionar a Educação Física Escolar com sua trajetória, por meio do resgate de suas memórias, e não da mídia, auxilia na compreensão da representação da Educação Física Escolar a partir das sensibilidades e experiências dos atletas. Assim, esta pesquisa visa contribuir para a valorização dos atletas catarinenses, conhecendo melhor quem já fez história no mundo dos esportes olímpicos.

Inserindo-se no âmbito destas discussões, a presente pesquisa procura relacionar a compreensão sobre formação de atletas, enfocando a perspectiva de atletas olímpicos sobre o papel que a escola desempenhou nas trajetórias desses esportistas. Visto que ao investigar a relação entre os atletas e a Educação Física Escolar, é possível identificar as oportunidades que foram oferecidas aos estudantes dentro do ambiente escolar. Isso inclui o acesso a diferentes modalidades esportivas, o desenvolvimento de habilidades específicas, a participação em competições escolares, entre outros aspectos.

Desde a primeira participação brasileira nos Jogos em 1920, na Antuérpia (Bélgica), até os JO do Rio de Janeiro em 2016, o total de 1.796 atletas representaram o país nas Olimpíadas. Dentre esses, 56 eram naturais de Santa Catarina, conforme o levantamento dos Atletas Olímpicos Brasileiros (RUBIO, 2016; GRUPO RBS, 2020; COB, 2020). Destes atletas catarinenses, quinze (15) participaram dos últimos JO de Verão de 2016, no Rio de Janeiro (FESPORTE, 2016).

Um dos fatores fundamentais para compreender o desenvolvimento de determinada modalidade ou do esporte de alto rendimento de um país é entender como é desenvolvida a formação esportiva de atletas (Côtê et al, 1999; Green,

Houlihan, 2006; Truyens et al, 2014). O processo de humanização dos atletas de alta performance, passa, também, por escrutinar as vivências destes esportistas nos contextos que propiciaram a formação que o levou a tal ponto da prática corporal, sendo que, dentre tais experiências, interessa particularmente aos objetivos da presente pesquisa verificar qual o papel desempenhado pela Educação Física Escolar na trajetória de formação de atletas olímpicos do estado de Santa Catarina, Brasil.

O esforço da pesquisa em relacionar a trajetória de formação de atletas olímpicos com a vida escolar destes competidores de alta performance está assente no fato, identificado por Soares (2019, p. 1), de que a prática da Educação Física Escolar “pode favorecer a iniciação de um atleta de alto nível”. Em suma, olhar para a Educação Física Escolar na trajetória desses atletas permite compreender sua influência formativa, identificar oportunidades oferecidas aos estudantes, analisar a formação de valores e atitudes esportivas, e contribuir para o avanço da pesquisa na área. Essa análise é fundamental para valorizar a importância da Educação Física Escolar no contexto esportivo e educacional, visando aprimorar as experiências esportivas dos estudantes-atletas.

Sendo assim, a pesquisa proposta neste trabalho contribui para a produção de conhecimento na área, uma vez que seu principal objetivo é compreender como a Educação Física Escolar estabelece relações com a trajetória esportiva dos atletas olímpicos catarinenses. Foram delimitados como objetivos específicos: a) Compreender as construções de memórias referente à Educação Física Escolar de atletas olímpicos catarinenses; b) Perceber como a Educação Física Escolar é representada pelos atletas olímpicos catarinenses nas suas trajetórias esportivas; c) Entender como eram realizadas as aulas de educação física na(s) escola(s) frequentada(s) pelos atletas olímpicos catarinenses; d) Identificar como, e se, os atletas olímpicos catarinenses relacionam as suas vivências em Educação Física Escolar com as suas trajetórias até os JO de 2016.

Diante do contexto e da problemática apresentados, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: além da presente Introdução, que delinea os principais aspectos com os quais a temática em foco dialoga, no tópico a seguir apresenta-se uma revisão de literatura com vistas a construir uma fundamentação teórica que relaciona a Educação Física Escolar e a trajetória de formação esportiva de atletas profissionais. Adiante, delineiam-se os procedimentos metodológicos adotados ao longo do percurso de pesquisa para, em seguida, apresentar os resultados e discussões da

pesquisa realizada por meio de entrevistas junto aos atletas catarinenses. Por fim, nas considerações finais, tece-se uma reflexão a respeito do lugar ocupado pela escola na trajetória de atletas olímpicos, procurando verificar a consecução dos objetivos da pesquisa, apontar lacunas evidenciadas no percurso e propor caminhos para o desenvolvimento de futuras pesquisas abordando esta temática no âmbito dos estudos desportivos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E FORMAÇÃO ESPORTIVA: TRAJETÓRIA DOS ATLETAS

A primeira vez que os JO de Verão foram realizados na América Latina foi sediado pelo Brasil em 2016, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Por ser o maior evento do esporte mundial, o país se tornou alvo de muita visibilidade e, conforme reportagem de Verenicz (2021, n.p.) “houve uma guinada nos investimentos em esportes de alto rendimento no Brasil” sobretudo com o lançamento do plano ‘Brasil Medalhas’, “cujo objetivo era colocar o País entre os dez primeiros colocados no quadro geral dos jogos”. Neste sentido, ressalta-se a importância histórica dos JO modernos para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o esporte nos diversos países do mundo, semelhante ao que ocorreu no Brasil antes da Rio 2016, quando, de acordo com Arantes, Rubio e Melo (2020), a partir o anúncio de que o Brasil seria sede das Olimpíadas em 2016, surgiu o interesse de promover a educação esportiva e aumentar o número de atletas para as próximas olimpíadas, tendo como ponto de partida as escolas. Pois é nas escolas, mais especificamente nas aulas de educação física, que surge o interesse das crianças e dos jovens pela prática esportiva, e é através das competições escolares que os novos talentos são identificados (BOHME, 2011; PERES, LOVISOLO, 2006).

No período subsequente aos JO de Verão Rio 2016, tais dados suscitaram o debate acerca da adequada aplicabilidade dos investimentos do poder público em esporte no país.

A pesquisa de Castro e Souza (2015) analisa a preparação para a Rio 2016 de um ponto de vista multifacetado, considerando as propostas dos entes institucionais

envolvidos para o esporte em uma perspectiva integral, que contemple não apenas o esporte de rendimento, mas também o educacional e de participação.

Segundo Castro e Souza (2015, p. 507), tanto o Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à Sede dos JO e Paralímpicos 2016 quanto os Cadernos de Legado Rio 2016 privilegiam a dimensão do esporte de rendimento, sendo “poucas as propostas que visam ampla disseminação da prática esportiva”. Ademais, as autoras avaliam que “o esporte educacional não é significativamente contemplado quando comparado às outras dimensões do esporte, o que contradiz a Política Nacional do Esporte e a Constituição Federal de 1988” (CASTRO; SOUZA, 2015, p. 507).

Ainda neste viés, Verenicz (2021, n.p.) aponta que, embora tenha havido uma redução de 47% de investimentos no setor de esportes se comparado o ciclo olímpico de 2013-2016 com o ciclo seguinte, que terminou com a Olimpíada de Tóquio em 2020, ainda é possível afirmar que “o que se observa hoje na realidade esportiva no Brasil não é uma falta de renda no setor, mas sim uma falta de investimento na base”, sendo que, para a autora, “investir no esporte como política pública, e não apenas nos atletas de alto rendimento, pode ajudar o Brasil a reduzir a desigualdade”. A autora aponta que a redução dos recursos está ligada à reconfiguração do Ministério do Esporte como uma Secretaria Especial subordinada ao Ministério da Cidadania, ocorrida na gestão do governo federal com mandato de 2018 a 2022.

Assim, o debate em torno da efetividade da formação de atletas no Brasil coloca a escola em uma posição de fundamental importância para a consecução de uma cultura esportiva que não só produza atletas de alto rendimento, tarefa de relevância social e econômica para o país, mas que também alie esta formação com a do cidadão condizentes com os interesses coletivos.

Neste sentido, cumpre fazer um breve resgate histórico da compreensão sobre formação de atletas no Brasil por parte das diversas instâncias do poder público envolvidas com as políticas desportivas. A inserção do esporte nas escolas no Brasil ocorreu em diferentes momentos ao longo da história, no entanto, é possível destacar alguns marcos importantes nesse processo entre as décadas de 1930 e 1960.

No final do século XIX, com a influência das correntes higienistas e educacionais europeias, começaram a surgir iniciativas para a introdução da Educação Física e do esporte nas escolas brasileiras. Na década de 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, ocorreram avanços mais significativos nesse sentido. Segundo Menezes (2021), nessa época a Educação

Física enfatizava desempenho, competição e comparação de recordes, além de ter regras rígidas focados em métodos técnicos, “onde era visto como esporte na escola, não esporte da escola” (MENEZES, 2021, p. 19).

Posteriormente, na década de 1950, o esporte nas escolas ganhou mais destaque com a criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e o fortalecimento da cultura esportiva no país. Houve um impulso para a inclusão de atividades esportivas no currículo escolar, visando a formação integral dos estudantes (GRESPLAN, 2002).

Entretanto, foi na década de 1960 que ocorreu uma maior sistematização e regulamentação do esporte escolar. Com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1961, e a implementação da Lei nº 5.692, de 1971, estabeleceu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que passou a considerar a obrigatoriedade do ensino da Educação Física nas escolas de ensino fundamental e médio. Dessa maneira, o esporte foi desenvolvido no contexto educacional de forma técnica e aplicado desde as primeiras séries do ensino fundamental (KUNZ, 1994).

A partir desse período, a inclusão do esporte nas escolas foi gradualmente se expandindo e se tornou uma prática mais comum nas instituições de ensino do país. Ao longo das décadas seguintes, houve aperfeiçoamentos nas políticas e diretrizes para a Educação Física Escolar, visando promover a formação integral dos estudantes por meio do esporte e da atividade física. Essa inserção se deu por meio de parcerias com o Ministério do Esporte e ações como os Jogos Escolares Brasileiros, que incentivam a prática esportiva entre os estudantes.

E a Educação Física Escolar, que deveria ser vista como um sistema composto não apenas por competições, mas desenvolvendo o esporte escolar para além do alto rendimento, passou a ser usada para criar o ambiente competitivo a ser enfrentado por atletas. O governo passou então a fomentar a disputa entre escolas, priorizando os esportes coletivos. Os jogos escolares passam a ser direcionados a valorizar os potenciais atletas em detrimento da participação no esporte e no ensino (BETTINE, 2020).

Os jogos escolares também fazem parte da trajetória dos atletas olímpicos. Os autores Arantes, Rubio e Melo (2020, p. 55) apresentam dados que “parecem indicar que relacionar a participação nos JO e a participação nos jogos escolares é importante para países que pretendem alcançar resultados esportivos destacados no cenário

internacional”. Pesquisas realizadas por especialistas em sistemas dos esportes⁵ amparam essa preocupação dos países que desejam ter uma base esportiva forte ao apontar a importância da relação entre os jogos escolares e a participação nos JO, visando assim a ampliação da base esportiva.

Por outro lado, a relevância dos professores de educação física na vida dos atletas aparece nas narrativas biográficas que integram a pesquisa Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros. Nessas narrativas, os professores são lembrados pelos atletas com muito carinho e afeto, pois estes ocuparam o papel de professor, orientador ou técnico e tiveram um olhar atento para proporcionar ao aluno a possibilidade de se desenvolver no esporte (RUBIO, 2014).

A passagem do professor na vida dos alunos se dá em momentos em que os estudantes devem tomar decisões importantes na sua vida, e que segundo Zimmermann e Rubio (2016, p. 268) “[...] uma escuta atenta deste professor ao chamado da trajetória que brota de dentro do aluno, e que nem sempre é ouvido devido aos vários ruídos que o mundo contemporâneo nos apresenta, o impulsiona a voos maiores”.

A relação entre as aulas de educação física e a escolha dos jovens de se tornar um atleta e chegar às Olimpíadas nos leva a questionar: qual o papel do esporte na escola? Qual a influência que a escola possui na trajetória dos atletas?

Dentre as hipóteses de respostas a estes questionamentos, ressalta-se a importância de se romper a ótica sob a qual é vista, pela cultura brasileira em geral, a prática desportiva na escola, como sugere Ary Rocco, professor e pesquisador da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo que, conforme citado por Veranicz (2021, n.p.), afirma que “hoje, do ponto de vista social, o esporte funciona muito mais como uma atividade de diversão, entretenimento e lazer”, propondo “programas esportivos [...] que [ajudem as] crianças a se socializar, aprender a perder e a ganhar, a jogar em equipe, [formando, assim] cidadãos melhores”.

⁵DE BOSSCHER, V. Explaining international Sporting success: na international comparison of elite sport systems and polices in six countries. *Sport Management Review*. v. 12, n. 1, p. 13-136, 2009.
DIEGEL, H. The context of talent identification and promotion: A comparison of nations. *International Association of Athletics Federations*, v. 17, n. 3, p. 13-26, 2002.
GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite sport development systems and playing towin: uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, v. 20, n. 4, p. 247-276, 2001.
GRIX, J.; PHILLPOTS, L. Revisiting the ‘Governance Narrative’: ‘Asymmetrical Network Governance’ and Deviant Case ofthe Sports Policy Sector. *Public Policy and Administration*, v. 26, n. 1, p. 2-19, 2011.

Não obstante o reconhecimento do papel da escola na formação das pessoas que optam por seguir a carreira de atleta profissional, o espaço escolar também deve ser compreendido como lócus no qual é ofertado o esporte como um direito de todos, tanto quanto um ambiente no qual a dimensão educacional das práticas desportivas e corporais deve ser oportunizada de maneira integral (CASTRO; SOUZA, 2015). É importante ressaltar que a inserção do esporte nas escolas no Brasil é um processo contínuo e ainda passível de melhorias, com desafios relacionados à infraestrutura, formação de professores, acesso igualitário e promoção da inclusão de diferentes modalidades esportivas.

No que se refere à especificidade conferida pelo objeto de pesquisa aqui enfocado, no debate sobre o papel da escola na formação de atletas e na introdução do esporte, há diferentes perspectivas e abordagens.

Por um lado, Dias e Sousa (2012) discutem o estatuto do atleta de alto rendimento na sociedade contemporânea, destacando a exigência da "alta performance" como uma característica presente no discurso do esporte de alto rendimento. Segundo elas, a cultura esportiva responsável pela formação de atletas, que busca a superação de limites físicos e emocionais a qualquer custo, pode ser fonte de padecimento para os indivíduos. Elas ressaltam a importância de considerar as vicissitudes humanas inerentes à vida do atleta, buscando uma compreensão mais geral sobre o esporte que esteja para além daquilo que é mostrado nos grandes eventos, onde, ademais, os louros são reservados a apenas alguns poucos atletas, afinal o pódio via de regra só tem três lugares.

Por outro lado, Soares (2019) destaca a relação entre o período escolar e o esporte de alto rendimento. A autora argumenta que a Educação Física Escolar oferece a oportunidade para os alunos vivenciarem diferentes modalidades esportivas e descobrirem sua afinidade com o esporte. Ela enfatiza que, quando desenvolvida com foco na formação do aluno, a educação física proporciona liberdade para que os alunos experimentem diferentes formas de praticar esportes. No entanto, Soares (2019) também observa que a iniciação escolar nas modalidades esportivas é mais comum em esportes populares, enquanto em outros esportes os alunos muitas vezes precisam buscar conhecimento e aprendizado básico em outros ambientes.

Paes e Souza Júnior (2014) defendem a massificação esportiva como meio de formar uma elite esportiva. Eles afirmam que quanto mais alunos tiverem acesso ao esporte escolar, mais atletas poderão ser formados no país. Segundo eles, a

massificação esportiva possibilita a identificação de futuros talentos e serve como estímulo para o esporte escolar. No entanto, no decorrer histórico do desenvolvimento das políticas de formação esportiva no Brasil, houve uma mudança na compreensão das políticas de formação esportiva, com especialistas que se opõem ao uso das escolas como meio de buscar talentos esportivos.

Marcos Garcia Neira (apud Ratier, 2021), diretor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, argumenta contra a utilização do espaço escolar como locus do desenvolvimento de atletas olímpicos. Ele defende que formar pessoas para competições de alto rendimento exige um grau de especialização e aprofundamento que não condiz com o objetivo da escola, que é formar a todos. Conforme citado por Ratier (2021), o professor defende que formar atletas de alto rendimento exige um grau de especialização e aprofundamento que foge do objetivo da escola. Neira (apud Ratier, 2021) destaca que a educação escolar deve abordar o fenômeno esportivo considerando não apenas os valores olímpicos, mas também refletindo sobre sua totalidade, identificando tanto aspectos positivos quanto negativos e promovendo uma formação emancipatória do indivíduo diante do esporte contemporâneo.

Tal discussão encontra termo nos autores Paes e Souza Júnior (2014) ao sugerirem que, no contexto da Educação Física, uma abordagem sob a égide olímpica pode ser válida ao considerar não apenas os valores olímpicos, mas também refletir sobre a dimensão total do fenômeno esportivo. Eles defendem uma abordagem crítica que favoreça a formação emancipatória do indivíduo, identificando tanto os aspectos positivos como os negativos do esporte contemporâneo.

Em suma, enquanto alguns autores argumentam que as competições escolares são importantes para a formação de atletas, outros defendem que a escola deve focar em formar pessoas de maneira abrangente, não direcionando seus esforços para a busca de talentos esportivos de alto rendimento. Essa discussão ressalta a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva do fenômeno esportivo na educação escolar, considerando tanto seus aspectos positivos como suas complexidades e desafios.

No sentido das discussões evocadas, o próximo tópico apresenta uma breve contextualização sobre o estatuto do atleta olímpico no contexto brasileiro.

2.2. TRAJETÓRIA DE ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

A trajetória dos atletas olímpicos brasileiros tem sido marcada por desafios e conquistas ao longo dos anos. De acordo com uma análise realizada por Souza e Silva (2018), a história do esporte no Brasil revela um processo de profissionalização e evolução dos atletas, tanto em termos de desempenho esportivo quanto de reconhecimento internacional. A primeira participação do Brasil em JO foi em 1920, mas foi a partir da década de 1990 que o país experimentou um aumento significativo no investimento em esportes de alto rendimento, buscando o desenvolvimento de talentos e a formação de uma elite esportiva.

O Brasil, apesar de ter uma rica história esportiva, enfrentou dificuldades em se destacar em competições internacionais, especialmente nos JO. No entanto, nas últimas décadas, houve um aumento significativo na participação e no desempenho dos atletas brasileiros, refletindo o investimento crescente em esportes de alto rendimento e a evolução do sistema esportivo no país.

Os países que abrigam os JO guardam por muitos anos os sinais de sua realização. Conforme Rubio (2009), o legado abrange seis grandes dimensões: o econômico; o ambiental; informação e educação; políticas públicas e cultura; símbolos, memória e história; e legado do esporte.

Nesses mais de cem anos da primeira participação do Brasil nos JO, milhares de atletas brasileiros participaram das competições. A maioria não trouxe medalhas, mas carregam muitas histórias para contar. Segundo Martini (2013), pesquisas direcionadas à trajetória de atletas olímpicos que não conquistaram medalhas não costumam ter espaço na mídia. Este autor entrevistou atletas do Rio Grande do Sul que participaram dos JO de 1964, 1968 e 1972 com o objetivo de ir além das medalhas olímpicas, identificando o legado da participação de atletas olímpicos.

Os atletas são os principais atores dos JO, entretanto, raramente são identificados como os elementos estruturais de constituição deste histórico megaevento. De quatro em quatro anos, esportes e atletas ganham uma visibilidade gigantesca. Mas é muito comum que depois das Olimpíadas quase ninguém se lembre quem são as pessoas que estão por trás dos uniformes oficiais. Predominantemente, na mídia, constrói-se este sujeito como representação do país com reconhecimento em âmbito internacional, especialmente àqueles atletas que conquistaram medalhas (PIRES, 2010; SILVA, CARNEIRO, MARINHO, 2018). Para Carmona, Silva e Mazo

(2015), esta forma de representação produz silêncios na história do esporte nacional, “medalhar ou não, na grande maioria das vezes, é um fato que faz com que um atleta seja reconhecido por sua glória ou fique à penumbra do esquecimento” (CARMONA, SILVA; MAZO, 2015, p. 792).

Além disso, com a espetacularização dos JO, surge o profissionalismo, possibilitado por sua transmissão em tempo real para o mundo todo, a partir de 1988 e até os jogos de 2016. Diferentes interesses desencadearam um debate, no fim da década 1980, sobre manter os atletas como amadores ou profissionais, os países capitalistas e socialistas não enxergavam da mesma forma o papel dos atletas no cenário olímpico e empresas passaram a oferecer produtos e benefícios para aqueles que fossem fiéis a essas marcas (RUBIO, 2016). A profissionalização do esporte e sua vinculação à imagem de produtos, transformaram as representações de atleta, transformando-o em mão de obra de um sistema que nem sempre o respeita e que por vezes deixa valores morais que fundamentam a competição esportiva de lado (RUBIO, 2016).

Desta forma, uma nova ordem olímpica começou a ser organizada e debates com a comunidade olímpica foram convocados, dando origem ao documento da Agenda 20+20, estabelecendo as novas diretrizes para o Movimento Olímpico (MO). Este documento (IOC, 2014) do Comitê Olímpico Internacional (COI) pretende promover ações voltadas ao futuro do MO, como proteger sua singularidade e fortalecer os valores olímpicos na sociedade.

A busca pela excelência e o envolvimento dos atletas com o esporte profissional requer preparação e dedicação para a busca do seu melhor desempenho. De acordo com Gagné (2008) o desenvolvimento de talentos esportivos é um trabalho realizado durante um período significativo de tempo, de um programa estruturado de atividades que levam a um objetivo específico: a excelência. Para tanto, segundo Collet (2018, p. 36) “é necessário que a iniciação esportiva na escola ou no clube seja adequada e qualificada, com boas estruturas, abordagens coerentes e possibilidades de formar bons esportistas, tanto atletas profissionais quanto amadores”. Assim, há várias formas de ingressar e se desenvolver esportivamente em determinada modalidade, começando pelo ambiente familiar, sob a influência dos pais ou de parentes próximos, até o contexto escolar, com o incentivo dos professores, principalmente os professores de Educação Física.

De acordo com dados do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros tem sido impulsionada por diversos fatores, como o aumento do suporte financeiro e logístico oferecido pelas entidades esportivas, a profissionalização do esporte e a melhoria na infraestrutura esportiva. Além disso, programas de incentivo ao esporte, como as bolsas-atleta, têm contribuído para o desenvolvimento e a manutenção dos atletas de alto rendimento.

No entanto, a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros também enfrentou obstáculos e desafios ao longo do tempo. De acordo com Costa e Santos (2020), apesar dos avanços, o Brasil ainda enfrenta questões como a falta de infraestrutura esportiva adequada, dificuldades financeiras e falta de apoio governamental e patrocinadores. Esses fatores têm impacto direto no desenvolvimento e na preparação dos atletas, limitando suas oportunidades de treinamento e competição em nível internacional. Além disso, o esporte no Brasil ainda lida com desigualdades sociais e falta de acesso igualitário a recursos esportivos, o que influencia diretamente a formação de novos talentos e a representatividade nas modalidades olímpicas.

No tópico seguinte, apresenta-se o detalhamento da metodologia utilizada para a consecução dos objetivos da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo, em que foi utilizado como instrumento norteador documentos orais gerados a partir de entrevistas semiestruturadas, as quais foram encontradas no Centro de Memória da Educação e do Desporto (CEMEFID), do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Deste modo, as fontes principais foram depoimentos de oito (8) atletas olímpicos catarinenses que participaram da edição dos JO de Verão de 2016.

Ressalto que este Trabalho de Conclusão de Curso faz parte de um projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC), intitulado: Atletas Olímpicos Catarinenses na Rio2016: história, memória e narrativa, desenvolvido pela professora responsável Dra. Carolina Fernandes da Silva, do Departamento de Educação Física (DEF) da UFSC, que tem como objetivo compreender como ocorreu a trajetória esportiva de atletas de Santa Catarina (SC) que participaram dos Jogos Olímpicos de verão de 2016 no Rio de Janeiro. Destaca-

se que o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC (CEPSH/UFSC), e foi elaborado conforme a Resolução n. 510 de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e está registrado sob o número: CAAE: 42506720.0.0000.0121.

Cumprir informar que os procedimentos de coletas de dados foram realizados pelo Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento⁶, vinculado ao CDS da UFSC. O grupo tem como coordenadora a professora Dra. Carolina Fernandes da Silva, sendo composto por sete (7) professores e 21 estudantes⁷. Desta forma, a equipe executora das entrevistas e transcrições faz parte do Núcleo Sôma.

As entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) foram orientadas pelo aporte teórico-metodológico da História Oral (ALBERTI, 1989; OTTO, 2012) com o intuito de compreender as subjetividades, sentidos e percepções sobre a influência da Educação Física Escolar na trajetória dos atletas catarinenses que participaram nos JO de Verão de 2016. Para Bacellar (2010), contextualizar o texto de uma entrevista é fundamental, pois o mesmo foi escrito ou pensado de acordo com um determinado tempo, num outro contexto e por uma determinada pessoa que ao escrevê-lo ou dizê-lo leva consigo crenças, valores e opiniões para o “papel” ou para o depoimento.

Considerando que a História Oral foi tratada como uma técnica para a coleta de informações orais (THOMPSON, 1992; JOUTARD, 1996), estas seguiram um protocolo para a sua realização: a) foi elaborado um roteiro de entrevista a ser seguido; b) as entrevistas foram realizadas de forma individual e online devido à pandemia da COVID-19⁸, em data e horário acordados com os sujeitos. As entrevistas foram gravadas na plataforma digital do *Google Meet*. A posteriori, foi feita uma cópia de segurança da gravação e os depoimentos foram transcritos e armazenados em arquivo digital.

O primeiro contato com os atletas foi realizado através de sua rede social Instagram. Para demonstrar mais credibilidade, e evitar que os atletas pensassem se

⁶ O Núcleo Sôma ancora-se no pressuposto de que a Educação Física é um campo de conhecimento em que temáticas relacionadas a gênero, classe, etnia, lazer, linguagem, mídia, entre tantas outras, articulam-se com problematizações sobre o corpo e as práticas corporais e esportivas. Assim, tem por objetivo construir ações interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão no Centro de Desportos da UFSC a partir destes olhares interdisciplinares inspirados pelas Ciências Humanas.

⁷ Link para o espelho do DGP/CNPQ: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0352083437176692.

⁸ No ano de 2020, o mundo se deparou com a propagação do vírus SARS-CoV-2, popularmente conhecido por COVID-19. Diante deste cenário, o Governo Federal, através do Ministério da Saúde, divulgou recomendações de isolamento social como principal medida para evitar a propagação do vírus. Informações disponíveis em: MINISTÉRIO DA SAÚDE. Corona vírus (COVID-19): Sobre a doença. Brasil, [S.I.], 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

tratar de algum estudo não confiável, foi utilizado o Instagram institucional do Sômapara o envio da mensagem com a apresentação do projeto e o convite para participação no estudo. Através desta mensagem, solicitamos seu endereço de e-mail para envio do convite oficial, com informações detalhadas sobre a pesquisa, o objetivo e os termos éticos adotados, garantindo sigilo e privacidade quanto às informações pessoais de contato fornecidas pelos participantes. Neste e-mail, um anexo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado para ser assinado pelos atletas. Quando aceito os termos e assinado o TCLE, foi enviado um novo e-mail agendando a entrevista conforme disponibilidade do atleta.

Em cada entrevista realizada, estavam presentes o atleta, o (a) entrevistador (a) principal e mais um ou dois auxiliares, os quais faziam anotações. Sendo novamente informado sobre os objetivos da pesquisa e sobre os procedimentos caso ocorresse algum imprevisto, como queda de energia ou problemas na conexão de rede, a entrevista era iniciada com a gravação sendo autorizada pelo entrevistado. Aos participantes foi garantido o esclarecimento, antes e durante a pesquisa, sobre seus propósitos e o sigilo que assegure a privacidade de seus dados pessoais de contato quanto às informações fornecidas.

A pesquisa qualitativa que foi considerada neste estudo observando suas características básicas, sendo que Bogdan e Biklen (1994) resumem em cinco. São elas: 1) O ambiente serve como fonte direta de dados na pesquisa qualitativa, tornando o pesquisador o instrumento principal; 2) A pesquisa qualitativa é descrita. Os dados coletados estão na forma de palavras ou imagens, em vez de números. As citações feitas com base nos dados são incluídas nos resultados escritos da pesquisa para apoiar e ilustrar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais; 3) Pesquisadores qualitativos estão mais interessados no processo do que apenas nos resultados ou produtos; 4) Pesquisadores qualitativos tendem a realizar análises indutivas de seus dados. Não coletam dados ou evidências com a intenção de confirmar ou reforçar hipóteses já formadas; em vez disso, eles constroem abstrações à medida que os dados específicos coletados são reunidos; 5) O significado é de importância crucial na abordagem qualitativa. Os pesquisadores que empregam esse tipo de investigação estão interessados em como vários indivíduos dão sentido às suas vidas.

Fazendo uma leitura dessas características e considerando os objetivos desse estudo, foi considerado também a análise de conteúdo seguindo o método de Bardin (2011). A condução da análise defendida pela autora considera três etapas: 1) pré-análise para verificação da frequência de determinado tema e definição dos temas a serem abordados. 2) exploração do material e organização das categorias a serem discutidas, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Inicialmente, as entrevistas gravadas foram transcritas para um formato de texto, de modo que foi possível trabalhar diretamente com o conteúdo das respostas dos participantes. Essa leitura inicial permite obter uma visão geral dos dados e começar a identificar as informações relevantes. Após a transcrição, foi realizado a codificação inicial, que consiste em identificar trechos significativos nas respostas dos participantes. Essa codificação foi feita a partir de categorias ou temas comuns, utilizando anotações para destacar os seguintes conteúdos: o contato com outras modalidades dentro da educação física e os meios competitivos presentes no ambiente escolar. Para realizar a exploração do material e a categorização, de modo a facilitar a visualização das respostas de todos os atletas e constituir a organização dos dados com base na codificação inicial, foram agrupadas as respostas da pergunta do roteiro de entrevista que corresponde a esta pesquisa: “Você entende que a disciplina de Educação Física tem alguma relação com a sua escolha no esporte? Ou o ambiente escolar? De que forma? ”. Por fim, a terceira etapa compreende a interpretação e o tratamento dos resultados da análise, orientados pela inferência e interpretação, que consiste em captar os conteúdos visíveis e latentes contidos das informações (BARDIN, 2011), ou seja, vai além do que é explicitamente apresentado nos dados. Trata-se de ir além da superfície e buscar compreender os significados subjacentes e os conteúdos latentes contidos nas informações. Esses conteúdos latentes referem-se às ideias, crenças, valores, atitudes e percepções implícitas que podem ser inferidas dos dados. É válido ressaltar que a compreensão dos dados considerou o material analisado, de acordo com inferência, mas sem criar suposições, buscando embasamento na teoria realizando análises comparativas e identificando características específicas.

De acordo com os critérios de seleção da pesquisa, os participantes precisam aceitar os termos e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ser atletas nascidos em Santa Catarina e representantes deste estado, e que tenham participado da edição dos JO de Verão de 2016, no Rio de Janeiro - Brasil. Não foram

convidados a participar da pesquisa os (as) atletas catarinenses menores de idade e que não participaram dos JO de Verão de 2016 no Rio de Janeiro.

Segundo consta no site da Federação de Esportes de Santa Catarina (FESPORTE, 2016), quinze (15) atletas de SC participaram de oito diferentes modalidades nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. São eles: a) cinco (5) atletas do Atletismo; b) um (1) atleta do Ciclismo de estrada; c) um (1) atleta da Ginástica Rítmica; d) um (1) atleta do Handebol; e) dois (2) atletas do Hóquei sobre grama; f) um (1) atleta do Remo; g) três (3) atletas do Rugby; h) um (1) atleta do Tiro Esportivo (FESPORTE, 2016). Entre os municípios catarinenses, onze foram representados: Blumenau, Florianópolis, São José, Joinville, Concórdia, Orleans, Brusque, Timbó, Lages, Ponte Serrada e Saudade (FESPORTE, 2016). Para tanto, destes quinze (15) atletas, foram realizadas oito (8) entrevistas. Com o intuito de preservar a identidade dos mesmos, quando no texto houver referência aos atletas será utilizado a letra A seguida de um número⁹.

A escolha da forma de pesquisa adotada se deu pela motivação em associar o presente estudo a abordagens que busquem apreender a dinâmica e a complexidade dos fenômenos sociais, como é o caso dos esportes e especificamente do esporte de alto rendimento. Segundo Silva (1996, p. 87), ademais, a aplicação de entrevistas semiestruturadas e a adoção de uma postura de escuta sensível apresenta-se “como alternativa para a rigidez, a fragmentação e o distanciamento entre pesquisador e objetos pesquisados”. Em virtude do referencial teórico mobilizado em torno da contextualização da temática do papel da escola na formação de atletas olímpicos catarinenses, optou-se por uma metodologia que permitisse captar as percepções dos sujeitos que se tornaram atletas olímpicos sobre suas próprias trajetórias.

A partir desta reflexão central, as entrevistas foram conduzidas de modo a extrair relatos com a maior precisão possível por parte dos atletas a respeito da vida escolar pregressa à inserção no universo da alta performance esportiva.

O detalhamento das reflexões tecidas pelos atletas entrevistados compõem o tópico a seguir.

⁹ Por exemplo, A1 para um atleta; A2 para outro atleta e, assim, sucessivamente para os demais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O esporte, reconhecido mundialmente como um fenômeno que alcança uma ampla parcela da população, desempenha diferentes papéis na vida das pessoas, seja como uma forma de lazer, passatempo ou uma atividade profissionalmente exercida pelo ser humano (WEINBERG; GOULD, 2001). Nesse contexto, compreende-se que o esporte, enquanto fenômeno abrangente, exerce influência também nas escolas, sendo os professores agentes essenciais no processo de formação e orientação dos alunos. No ambiente escolar, em que os estudantes se encontram em momentos cruciais de tomada de decisões em suas vidas, destaca-se a presença do professor de Educação Física. Eles assumem uma posição central ao oferecer orientação técnica, incentivo, apoio emocional e educacional, desempenhando um papel relevante no desenvolvimento e formação dos estudantes.

A análise das entrevistas revelou a importância atribuída por alguns atletas ao papel desempenhado por esses profissionais em suas trajetórias esportivas. Assim como proposto por Gusdorf (2003):

[...] o homem conservará fielmente a lembrança de seus primeiros professores. Mesmo que sua existência tenha se resolvido fora de qualquer preocupação de saber, não pode deixar de evocar, num reconhecimento retrospectivo, o rosto daqueles que foram para ele os primeiros sustentáculos da verdade, os guardiões da esperança humana (GUSDORF, 2003, p. 3).

Não somente as aulas de Educação Física, mas os jogos escolares também fazem parte da trajetória dos atletas olímpicos. Conforme Arantes, Rubio e Melo (2020, p. 55), “entre os atletas escolares que chegaram aos Jogos Olímpicos há relatos de sua passagem nas competições escolares”. Isso se confirma no relato do jogador de hóquei ao responder à pergunta “você acha que a escola, o ambiente da escola lhe influenciou a ser um atleta? ”:

Ah, com certeza. E desde pequeno, a gente tinha o professor Everaldo, que... a gente participava todos os anos dos Jogos Escolares.... Então acabou que o cara desde pequeno já tava, é... convivendo nesse ambiente competitivo e... é uma coisa que, querendo ou não vai te instigando a querer mais e mais e mais (A1, 2022).

Apesar de ser uma competição e podendo haver as cobranças, o professor é lembrado pela importância na evolução do seu desempenho. Um ambiente escolar

que proporciona contatos, valores afetivos e socialização, Juchem (2006) afirma ser de suma importância para as crianças e adolescentes. Uma das atletas do Rugby lembra da integração que teve com sua turma através das competições escolares: “a educação física me integrou com a turma porque era uma turma competitiva, que aí tinha jogos das olimpíadas do colégio tudo” (A2, 2022).

As aulas de educação física que proporcionaram o contato com várias modalidades esportivas, com os professores incentivando o treino e despertando o encantamento por diversas práticas esportivas, foram encontradas em vários relatos dos atletas. Como cita a atleta de Tiro Esportivo: “Eu acredito que especificamente pro tiro, não, mas indiretamente sim, porque se eu fosse uma criança que nunca tivesse feito esporte, que nunca tivesse feito dança, ginástica rítmica e tudo mais, acho que eu não teria essa visão voltada pro esporte” (A3, 2022). Apesar de não estar diretamente relacionado com sua modalidade, o contato com várias práticas esportivas dentro da escola é reconhecido como importante para sua trajetória dentro do esporte.

Os atletas do ciclismo de estrada, A4, e da Ginástica Rítmica, A5, afirmaram que a iniciação esportiva começou muito cedo, antes mesmo de seus ingressos na escola, e que por isso não tiveram grande influência das aulas de educação física nas suas trajetórias esportivas. Apesar disso, A4 considera que a prática de vários esportes possibilitou essa experiência e formação base para despertar seu interesse pelo esporte. A busca pela excelência e o envolvimento dos atletas com o esporte profissional requer preparação e dedicação para a busca do seu melhor desempenho. Além disso, com a espetacularização dos JO, surge o profissionalismo, possibilitado por sua transmissão em tempo real para o mundo todo, a partir de 1988 e até os jogos de 2016 (ZIMMERMANN, 2016).

Outro atleta que destaca as oportunidades de praticar várias modalidades dentro do ambiente escolar é a A6, do Rugby. Ela aponta que seu professor de Educação Física não tinha planejamento e intencionalidade pedagógica para as aulas, popularmente conhecido como “rola bola”. Este termo é muito utilizado para definir aquele professor que larga a bola aos alunos para que pratiquem, ou não, alguma atividade de seu interesse. Apesar disso, este mesmo professor a chamava para competir pela escola em diversos esportes. Segundo ela, “Era esse paralelo, as aulas de Educação Física em si era muito “rola bola”, mas, em compensação os esportes

que a gente poderia competir, tanto pela escola quanto pelo município ou jogos escolares, eu sempre estava em todas as modalidades” (A6, 2022).

As oportunidades que o esporte proporciona de estar com os amigos e fazer novas amizades é o que faz com que as crianças admirem o esporte (WEINBERG; GOULD, 2001). Isso se confirma na declaração da atleta A7, do Rugby, quando questionada sobre a influência das aulas de Educação Física na sua trajetória esportiva: “[...] na escola a gente coletiviza o esporte com pessoas que são muito diferentes da gente e isso tem toda uma outra característica, o esporte ele ganha outra dimensão” (A7, 2022). Ela continua:

Esse movimento coletivo e essas questões coletivas que eu acho que a gente aprende muito na Educação Física Escolar, da importância desses coletivos que a gente forma, isso é uma coisa que permeou muito a minha vida, tanto que, minhas escolhas por esportes que eu fiquei mais tempo foram nos esportes coletivos porque era um espaço que eu me sentia bem (A7, 2022).

Para Piaget (1980), o esporte coletivo é admirado pelas crianças principalmente pela coletividade e pelo prazer da prática. Para o atleta A8, do remo, foi depois de começar a praticar o remo que o envolvimento nas aulas de educação física começou a surgir, e a partir de então a integração com a turma também aumentou.

Nesse contexto, cabe salientar que, “por ocasião dos Jogos Olímpicos é que se ouve com alguma frequência referências à Educação Física Escolar, principalmente na mídia” (BETTI, 2009, p. 19-20). Assim, se faz importante aproveitar a oportunidade deste megaevento para despertar nos alunos o interesse pela prática de atividade física, pois o professor é mediador entre o conhecimento pedagógico e o evento apresentado pela mídia.

Destarte, dois resultados são evidenciados inicialmente a partir das entrevistas realizadas: i) que há um reconhecimento por parte dos atletas da relação entre o gosto pelo alto rendimento e o incentivo do professor de Educação Física na escola; e ii) que a prática de variados esportes possibilita a iniciação no universo das práticas corporais, contribuindo para a formação de base e para despertar o interesse das crianças e dos adolescentes no alto rendimento.

Sobre o primeiro aspecto, é importante considerar que os entrevistados unanimemente reconhecem o papel do professor e da Educação Física Escolar para além de despertar o interesse do aluno na prática esportiva de alto rendimento.

Conforme Paes e Souza Júnior (2014), embora seja essencialmente ligada à prática de esportes a importância da Educação Física Escolar se situa em âmbitos muito mais profundos da dimensão humana, pois, no sentido da relevância da representação do estatuto da Educação Física Escolar na sociedade além do aspecto educacional, buscando “proporcionar a leitura de mundo por meio de sua especificidade; fixar-se como uma dimensão da realidade; e propiciar a formação crítica reflexiva e autônoma” (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 446).

A experiência relatada por atletas como o jogador de rugby, a praticante de ginástica rítmica e o da modalidade remo corrobora com a compreensão segundo a qual “partir da cultura corporal de movimento como conhecimento a ser assimilado pela Educação Física Escolar significa que, pelas diversas manifestações corporais humanas, o indivíduo faz a leitura, interpreta, relaciona e (re) constrói o seu mundo” (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 446).

Não obstante o reconhecimento de que a Educação Física Escolar potencialmente proporciona uma vivência inicial com o esporte que se torna determinante quando da opção dos alunos por ingressar no esporte de alto rendimento, os momentos de visibilidade midiática em torno dos esportes, como os JO, devem ser aproveitados como janela para se discutir a ampliação do espectro de esportes ofertados na escola.

Neste sentido, conforme Paes e Souza Júnior (2014):

Por meio dos Jogos Olímpicos, pode-se buscar a ampliação do que temos hoje como modalidades esportivas dentro da escola, algo para além do tão conhecido “quarteto mágico” (basquete, handebol, vôlei e futsal). É uma oportunidade de se conhecer, com a evidência proporcionada pela maior exposição midiática, outras manifestações culturais do esporte, representadas por novas modalidades esportivas pouco convencionais no cenário nacional (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 446-447).

Esta reivindicação pela oferta de maior variedade de modalidades no âmbito da disciplina de Educação Física nas escolas desde o Ensino Fundamental é corroborada pela declaração fornecida pela entrevistada praticante de tiro, que reconhece, como os demais, a importância de ter iniciado a prática de esportes na escola, mas que, no entanto, a participação nas aulas não contribuiu diretamente para o aprendizado da modalidade na qual ela viria a se especializar.

A entrevistada A3 forneceu a seguinte leitura a respeito desta problemática, relacionando-a com a modalidade que ela pratica:

E eu acredito assim, que o tiro por exemplo deveria ser inserido logo cedo para as crianças, por quê? Aí eu vou defender meu lado, porque o tiro aumenta a concentração, o foco, a disciplina, então uma criança, quando ela começa no esporte do tiro, ela chega toda afoita e depois eles ficam tudo pianinho¹⁰ assim, ó, é a coisa mais linda do mundo de ver.

A disciplinarização das crianças por meio do esporte é uma questão levantada pela atleta e suscita debates acerca dos processos educativos e sociais envolvidos na prática esportiva. Diversos autores abordam essa temática, destacando a importância de refletir sobre os impactos da disciplina imposta aos jovens atletas.

De acordo com Foucault (1975), a disciplinarização consiste na imposição de regras, normas e padrões de comportamento com o objetivo de moldar o indivíduo de acordo com determinados valores e objetivos estabelecidos pela sociedade. No contexto esportivo, essa disciplinarização pode se manifestar por meio de treinamentos intensos e rigorosos, que buscam padronizar o desempenho e o comportamento dos jovens atletas, priorizando a competitividade e os resultados em detrimento do desenvolvimento integral do indivíduo.

A imposição de comportamentos disciplinados também se faz presente na forma como as crianças são ensinadas a se comportar dentro do ambiente esportivo. Bourdieu (1984) destaca que o esporte pode ser utilizado como uma ferramenta de controle social, no qual as crianças são inseridas em estruturas hierárquicas e disciplinadas para se adequarem às expectativas e demandas dos adultos, transmitindo valores como obediência, disciplina e conformidade.

No entanto, é fundamental questionar os efeitos dessa disciplinarização no desenvolvimento integral das crianças. Coakley (2011) ressalta que a ênfase na formação esportiva em detrimento de outros aspectos da vida pode limitar suas experiências e oportunidades de aprendizado, impactando negativamente seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e ético. Além disso, a pressão excessiva e a ênfase na competição podem levar ao surgimento de problemas como estresse, ansiedade, abandono precoce da prática esportiva e perda do prazer e da motivação intrínseca (HELLSTEDT, 2000).

¹⁰"Pianinho" é uma expressão coloquial que pode ser encontrada em alguns dicionários regionais e urbanos. Ela é usada para descrever uma atitude ou comportamento calmo, tranquilo ou discreto. Nesse contexto, a expressão "ficam tudo pianinho" sugere que as crianças, após uma fase inicial de empolgação, se tornam mais tranquilas e concentradas ao praticar o esporte do tiro. Essa mudança de comportamento é vista pela atleta como algo encantador e agradável de se observar.

Diante desse panorama, é necessário buscar abordagens mais equilibradas, que valorizem o desenvolvimento integral das crianças por meio do esporte. Silva (2002) sugere a promoção de experiências esportivas que estimulem a autonomia, a cooperação, a criatividade, a expressão individual e a aprendizagem ativa. Valorizar o processo de aprendizagem, o respeito mútuo, a diversidade e a inclusão são aspectos fundamentais para uma abordagem mais saudável e enriquecedora.

Em síntese, a disciplinarização das crianças no esporte demanda reflexões e debates. É imprescindível repensar as abordagens utilizadas na formação esportiva, buscando um equilíbrio entre a busca por resultados e o desenvolvimento integral dos jovens atletas. A promoção de uma prática esportiva mais inclusiva, participativa e centrada no desenvolvimento humano pode contribuir para uma experiência enriquecedora e significativa, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades físicas, cognitivas, sociais e emocionais de forma equilibrada e saudável.

A partir dos resultados da pesquisa realizada com os atletas olímpicos catarinenses em diálogo com o referencial teórico consultado, que a escola é lócus tanto de oportunidades quanto de precariedades na trajetória destes esportistas de alto rendimento. Este fator, aliado a uma série de outras condições de ordem política, econômica e social, desenha um contexto no qual, conforme Oliveira (2009 apud PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 444), “o Brasil continua não sendo uma potência esportiva mundial e a escola brasileira, que mal cumpre a sua função de transmitir cultura, também não se tornou um ‘celeiro de atletas’”.

Neste sentido, a pesquisa desenvolvida por Paes e Souza Júnior (2014) junto a professores de Educação Física no Ensino Básico demonstra haver um sentimento geral de lamento entre docentes pelo fato de a disciplina não estar atrelada à formação de atletas, semelhante ao demonstrado pela entrevista A3, que acumula as funções de atleta e de treinadora. Para os autores citados, “esse pensamento subordina a Educação Física às premissas do esporte enquanto prática de rendimento, pois se buscaria o desenvolvimento esportivo pela escola, deturpando os objetivos educacionais” (PAES; SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 449).

Muitos dos pensadores desta temática consultados para a presente pesquisa fazem esta ressalva preocupados com a dimensão subjetiva que envolve a iniciação para o esporte de alto rendimento. Dias e Sousa (2012, p. 731) apontam que um jargão comum no meio esportivo de alto rendimento constitui-se na máxima de que “é preciso dar ‘101%’ de sua capacidade nos treinamentos e competições a fim de se

obter o resultado desejado” sendo inculcida na própria formação disciplinar do atleta a ideia de que “é preciso estar no lugar mais alto, é preciso superar-se e para isso há muitos sacrifícios a serem feitos”.

As autoras apontam que há, na cultura esportiva de alto rendimento, “um ideal de perfeição, de completude, de ir além do que até então era colocado como um limite para o desempenho” (DIAS; SOUSA, 2012, p. 731-732). Estes aspectos servem para consubstanciar a discussão aventada pelo presente trabalho, a qual, a priori, buscou compreender a construção de memórias referentes à Educação Física Escolar de atletas catarinenses, procurando, do mesmo modo, apreender a maneira pela qual se constroem as representações acerca da Educação Física Escolar por parte dos atletas olímpicos entrevistados ao refletirem sobre a trajetória de vida que precedeu a participação nos Jogos Rio 2016.

A resposta fornecida pelo entrevistado A1 é denotativa de como a memória da participação nas aulas de Educação Física estão ligadas inclusive a sensações típicas da vivência no ambiente de competição de alto nível.

Rememorando experiências da época escolar, A1 forneceu a seguinte resposta:

Eu estudei no Colégio Liderança e desde pequeno, a gente tinha o professor Everaldo com quem a gente participava todos os anos dos Jogos Escolares. Então acabou que o cara desde pequeno já tava convivendo nesse ambiente competitivo. E é uma coisa que, querendo ou não vai te instigando a querer mais e mais e mais. Daí tu joga futebol, jogava vôlei, jogava basquete... O que tinha dos Jogos Escolares a gente tava participando. Então até jogar xadrez chegou a jogar, sem saber mexer nas peças (risos). Mas é pela parada da competição, viver aquele ambiente desde muito cedo. Com certeza isso aí me influenciou a ser atleta, com certeza. Desde pequeno o cara convivendo nisso aí.... É que é viciante, a palavra certa é essa aí. Quando o cara vê.... É um atleta!

Embora nenhuma das modalidades esportivas em que os atletas catarinenses competiram nos JO tenha sido conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, é evidente que essas aulas tiveram um papel fundamental ao incentivar a continuidade de suas trajetórias como atletas olímpicos.

Essa constatação levanta reflexões importantes sobre a natureza da Educação Física Escolar e sua relação com o esporte de alto rendimento. Embora as modalidades olímpicas não tenham sido abordadas diretamente nas aulas, o estímulo à prática esportiva em geral e o desenvolvimento de habilidades motoras e socioafetivas podem ter contribuído para despertar o interesse e o comprometimento dos atletas com o esporte. Além disso, a diversidade de modalidades esportivas

proporcionada pelas aulas de Educação Física pode ter ampliado o repertório esportivo dos atletas, permitindo-lhes explorar diferentes possibilidades e encontrar sua vocação em uma modalidade específica (CASTELLANI FILHO, 2011).

Embora não haja uma correspondência direta entre as modalidades olímpicas e o conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, é importante reconhecer o papel essencial dessas aulas no despertar e no fomento do interesse pelo esporte nos atletas catarinenses. Esse resultado evidencia a importância de uma abordagem abrangente e inclusiva da Educação Física Escolar, que valoriza não apenas as modalidades esportivas tradicionais, mas também promove a diversidade esportiva e o desenvolvimento integral dos alunos.

As memórias compartilhadas pelos entrevistados permitem compreender contextos que, ao se apresentarem na forma peculiar de cada história de vida, também revelam aspectos universais no que se refere à relação da Educação Física Escolar com a formação de atletas.

A partir dos depoimentos presentes no texto, é possível fazer levantamentos sobre temas transversais que permeiam a trajetória escolar dos atletas. Como por exemplo, nem todos iniciaram o alto rendimento nas modalidades específicas durante o período escolar. Alguns atletas mencionam que começaram a praticar esportes antes mesmo de ingressarem na escola, enquanto outros destacam a importância das aulas de educação física e das competições escolares como parte de sua trajetória esportiva.

Neste sentido, a escola segue sendo vista como espaço idealmente privilegiado para a formação de atletas no Brasil, sendo que o aspecto educacional ligado aos esportes é uma das principais discussões relacionadas aos processos formativos no âmbito do pensamento sobre as políticas desportivas.

De modo que sobre a Educação Física Escolar recai, de forma injusta e muitas vezes desinformada, a esperança por remediar a histórica trajetória de fracassos do Brasil no âmbito do esporte olímpico, se comparado a países considerados potências neste sentido.

Estas expectativas são injustas, por um lado, porque vive-se um contexto no qual as escolas não recebem incentivos governamentais para fomentar a formação de atletas de base e, por outro lado, demonstram um desconhecimento geral de que a visão ligada à Educação Física como pontapé inicial para o desenvolvimento de atletas de alto rendimento já é considerada antiquada.

Os autores Gonzáles e Fensterseifer (2009) trazem reflexões importantes sobre o papel da escola e a função da Educação Física Escolar na formação dos alunos. Nos textos “Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I e II”, há uma crítica em relação à tendência de se valorizar apenas a formação de atletas na Educação Física Escolar, colocando o foco exclusivamente no rendimento esportivo. A escola, por sua vez, desempenha um papel muito mais amplo e complexo na formação dos indivíduos, incluindo aspectos cognitivos, sociais, afetivos e éticos. A formação de atletas, embora possa ser uma possibilidade dentro do contexto escolar, não deve ser o único objetivo. É necessário equilibrar essa perspectiva com a promoção da saúde, do bem-estar, da inclusão, do desenvolvimento motor e das habilidades sociais, visando à formação integral dos estudantes.

A escola é um espaço privilegiado de educação, no qual se busca a promoção do conhecimento, o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas, a formação cidadã e o cultivo de valores humanos. A escola é um lugar de encontro, de socialização, de aprendizado e de formação de identidades. No contexto da Educação Física Escolar, ela deve proporcionar vivências corporais significativas, promovendo a participação ativa dos alunos em diferentes práticas e valorizando a diversidade de corpos, habilidades e interesses. É importante que a escola seja um espaço acolhedor, inclusivo e democrático, que reconheça e valorize as singularidades de cada estudante, permitindo que todos se desenvolvam plenamente (GONZÁLES, FENSTERSEIFER, 2009).

Portanto, evidencia-se que a escola vai além da formação de atletas e tem o desafio de oferecer uma Educação Física Escolar que contribua para o desenvolvimento integral dos alunos, considerando aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais (GONZÁLES, FENSTERSEIFER, 2010). A escola deve ser um ambiente de aprendizado, de valorização das diferenças e de promoção do bem-estar, proporcionando experiências que vão além do esporte de alto rendimento, visando à formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, a análise foi realizada nas fontes orais através de entrevistas semiestruturadas realizadas com os atletas olímpicos

catarinenses que participaram dos JO de verão do Rio 2016. Assim, o estudo buscou compreender como a Educação Física Escolar estabelece relações com a trajetória esportiva dos atletas olímpicos catarinenses.

Com base nas análises, cabe destacar que o esporte de alto rendimento, observado em eventos como os JO e veiculados pelos diversos agentes midiáticos, configura-se na principal referência desta dinâmica cultural denominada esporte e, por isso, povoa o imaginário social de pessoas de todas as idades, classes, gênero, etc. Assim, termina por constituir-se, também, em formador das representações sobre esporte que ocupam o campo social de atuação do professor de Educação Física, que precisa estar preparado técnica e conceitualmente para entender e interagir com tal processo em suas intervenções profissionais.

Diante de tais resultados, é possível compreender de forma inicial as percepções dos atletas sobre a relação das aulas de Educação Física com a escolha por adentrar o universo do alto rendimento, bem como o unânime reconhecimento da importância da escola na trajetória dos atletas catarinenses, mesmo que não tenha sido lá o lugar no qual se deu o primeiro contato com a modalidade na qual compete.

Além disso, é possível observar outros aspectos presentes nos depoimentos, como a importância dos professores de educação física na formação dos atletas, a participação em jogos escolares, a prática de diferentes modalidades esportivas, a valorização do esporte coletivo, a influência da mídia esportiva, entre outros. Esses elementos contribuem para compreender a relação entre a Educação Física Escolar e a trajetória esportiva de alto rendimento dos atletas.

Diante disso, concluímos que a diversificação de modalidades esportivas durante as aulas de educação física foi importante para a formação base dos atletas e, principalmente, os meios competitivos presentes no ambiente escolar contribuíram para o crescimento pessoal e profissional dos atletas olímpicos catarinenses, despertando o seu interesse pela prática esportiva. Apesar do papel dos professores não ter influenciado na trajetória da maioria dos atletas olímpicos, através dos relatos foi possível perceber que a Educação Física Escolar foi muito rica e contribuiu, direta ou indiretamente, para conquistarem seu espaço no cenário esportivo nacional e foram convocados para representar o Brasil nos JO de 2016.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se a falta de disponibilidade dos atletas catarinenses, onde não foi possível realizar a entrevista e a análise com todos os atletas olímpicos de Santa Catarina.

Com base na pesquisa realizada algumas possibilidades de estudos futuros podem ser consideradas. Além das questões já levantadas, seria interessante ampliar a amostra e enriquecer a compreensão sobre o tema ao realizar um estudo com atletas catarinenses de alto rendimento que buscaram alcançar os índices necessários para participar dos JO, porém não foram selecionados. Essa abordagem permitiria explorar a perspectiva desses atletas, compreendendo suas vivências, desafios e experiências em relação à Educação Física Escolar em suas trajetórias esportivas.

Além disso, outras possibilidades de estudos futuros poderiam envolver a investigação sobre como os professores catarinenses de Educação Física abordam o esporte de alto rendimento nas aulas, considerando as diretrizes curriculares de Santa Catarina, as metodologias utilizadas, a promoção da inclusão e a valorização dos diferentes aspectos do esporte, como a saúde, a cooperação e o respeito mútuo. Seria relevante examinar as políticas educacionais e esportivas que respaldam a prática da Educação Física Escolar e a formação de atletas nas escolas catarinenses. Essas são apenas algumas possibilidades de estudos futuros que emergem a partir desta pesquisa. Cada uma dessas linhas de conhecimento pode trazer contribuições significativas para a compreensão da relação entre a Educação Física Escolar e o esporte de alto rendimento, permitindo uma abordagem mais aprofundada e embasada em evidências para promover uma Educação Física de qualidade nas escolas.

Nas considerações finais, após analisar as percepções dos atletas, revisar a literatura e considerar minha formação em Licenciatura em Educação Física, é possível destacar a importância de uma relação saudável e equilibrada entre a Educação Física Escolar e o esporte de alto rendimento.

É fundamental reconhecer que a Educação Física Escolar desempenha um papel central na formação integral dos estudantes, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Nesse contexto, a prática esportiva desempenha um papel relevante ao proporcionar vivências corporais significativas, estimular o trabalho em equipe, promover a saúde e o bem-estar, além de despertar o gosto pelo movimento.

No entanto, é preciso considerar que a relação entre a Educação Física Escolar e o esporte de alto rendimento deve ser pautada em uma abordagem que valorize tanto a formação esportiva quanto o desenvolvimento integral dos alunos. É

necessário evitar a pressão excessiva, a especialização precoce e a competitividade desmedida, que podem comprometer a saúde física e emocional das crianças e adolescentes.

É fundamental que a Educação Física Escolar proporcione experiências esportivas diversificadas, estimulando a participação ativa, a descoberta de habilidades e interesses, a inclusão de todos os alunos e a valorização do processo de aprendizagem. Além disso, é importante estabelecer uma conexão entre a Educação Física Escolar e o esporte de alto rendimento, de modo que os alunos possam compreender e apreciar as trajetórias e conquistas dos atletas, reconhecendo a importância do esforço, da dedicação e do comprometimento para o alcance de metas. Isso pode ser feito por meio de atividades que explorem a história do esporte, os valores olímpicos, as experiências de atletas de sucesso e as possibilidades de carreira na área esportiva.

Em minha percepção, a relação da Educação Física Escolar com o esporte de alto rendimento deve ser pautada pela valorização da formação integral dos alunos, pelo respeito às individualidades, pela promoção da saúde e pelo incentivo à prática esportiva como uma experiência enriquecedora e prazerosa. Dessa forma, poderemos contribuir para o desenvolvimento de cidadãos conscientes, críticos, participativos e comprometidos com a prática esportiva, seja ela de alto rendimento ou de lazer.

É importante ressaltar a temática da relação entre a Educação Física Escolar e o esporte de alto rendimento requer uma constante reflexão por parte dos profissionais da área, afim de aprimorar práticas e promover experiências significativas para os estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v.24, n.3, p 87-101, 2003.
- ARANTES, André Almeida Cunha; RUBIO, Kátia; MELO, Gislaine Ferreira de. Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas: a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.28, n.1, p. 51-59, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v28i1.10078>. Acesso em: 04 de mar. De 2023.
- AZEVEDO, Janete Maria Lins. **A educação como política pública**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2004.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, v.9, n.2, p. 89-112, 2003.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira**. 2. ed. São Paulo: Movimento, 2009.
- BETTI, Mauro. Copa do Mundo e jogos olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na educação física escolar. **Motrivência**, v.21, n.32/33, p. 16-27, jun. /dez. 2009.
- BETTINE, Marco. O processo de transformação da Educação Física: passagem da medicina higienista para a fisiologia do exercício. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 114-123, jun. 2020. ISSN 2238-0000. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/74024/40883>>. Acesso em: 04 mar. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v12i1.74024>.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.
- BOHME, MTS. Esporte infante juvenil: Treinamento em longo prazo. **Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos**. São Paulo: Editora Phorte; 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Distinction: A social critique of the judgement of taste**. Harvard University Press. 1984.

BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.123-128.

BRACHT, V. A política de esporte escolar no Brasil: A pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, v. 24, n. 3, p. 87-101, 2003.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí :Unijuí, 2005.

BRASIL. Decreto nº 7.984, de 8 de abril de 2013. Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 de abr. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7984.htm. Acesso: 9 mar. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

CARMONA, Eduardo; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice Zarpellon. Narrativa de atletas de voleibol sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968. **Pensar a Prática** (Online), v. 18, p. 782-795, 2015.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Papyrus Editora, 1988.

CASTRO, Suélen Barboza Eiras de; SOUZA, Doralice Lange de. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016: propostas para o esporte educacional, de participação e de rendimento. **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 3, p. 507-518. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/105827>. Acesso em: 14 dez. 2022.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da nação de representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul/dez. 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações sociais. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COAKLEY, J. **Sports in society**: Issuesandcontroversies. McGraw-Hill. 2011.

COB - **Comitê Olímpico Brasileiro, Atletas – 2016**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/?competicoes=2169|&>. Acesso em: 01 dez. 2021.

COB - **Comitê Olímpico Brasileiro**. História do COB: O Brasil nos Jogos Olímpicos.2021.

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL - COI. **Carta Olímpica**. Lausane: Comitê Olímpico Internacional, 2018. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/ES-Olympic-Charter.pdf_ga=2.31240508.241602770.1558559745-1965920211.1540564246. Acesso em: 01 dez. 2021.

CORSETTI, Berenice. **A análise documental no contexto da metodologia qualitativa**: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. UNIrevista. Vol 1, n. 1, 2006.

COSTA, J. M.; SANTOS, R. C. Desafios e perspectivas da trajetória dos atletas olímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 42(1), p. 123-137, 2020.

CÔTÉ, J.; YARDLEY, J.; HAY, J.; SEDGWICK, W.; BAKER, J. Na exploratory examination of the Coaching Behavior Scale for Sport. **Avante Research Note**. 5(2), 1999. p. 82-92. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/43490737_An_exploratory_examination_of_the_Coaching_Behavior_Scale_for_Sport. Acesso em: 04 mar. 2022.

DACOSTA, L. P. et al. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DIAS, Mariana Hollweg; SOUSA, Edson Luiz André de. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 729-738, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300026>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FERREIRA, Heraldo Simões; SILVA, Antonio Jansen Fernandes da. Análise das interpretações dos alunos das séries finais do ensino fundamental da rede pública de Fortaleza sobre as diferenças entre Educação Física e Esporte. **Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 141** – fevereiro de 2010.

FESPORTE – Federação de esporte de SC. **“15 atletas de SC estarão nos Jogos Olímpicos do Rio”**. Disponível em: <http://www.fesporte.sc.gov.br/eventos/geral/item/1916-15-atletas-de-sc-estarao-nos-jogos-olimpicos-do-rio>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. **Vozes**. 1975.

GAGNÉ, F. **Building gifts in talents: Brief overview of the DMGT 2.0 (Differentiated Model of Giftedness and Talent)**. 2008. In: COLLET, Carine. Formação esportiva de atletas de elite: um estudo com as seleções brasileiras de voleibol. Tese (doutorado). 2018. 193 p.

GINZBURG, Carlos. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de formação RBCE**, p. 9-24, 2009.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RBCE**, p. 10-21, 2010.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. Governmentality, modernization, and the ‘disciplining’ of national sports organizations: Athletics in Australia and the United Kingdom. **Sociology of Sport Journal**. 2006, p. 47-71. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.23.1.47>.

GRESPLAN, M. R. **Educação Física no ensino fundamental**. Campinas: Papyrus, 2002.

GRUPO RBS. **Os mais cotados para os Jogos Olímpicos do Rio**. Florianópolis, 21/09/2020. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_olimpiadas/quem-pode-ir.html. Acesso em: 01 de dez. de 2021.

GUSDORF, G. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HELLSTEDT, J. C. Why Kids Drop Out of Sports. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 71, n. 4, p. 26-30. 2000.

IOC. Olympic Agenda 2020. **20+20 Recommendations**. 2014. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Olympic_Agenda_2020/Olympic_Agenda_2020-20-20_Recommendations-ENG.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.

JOUTARD, Philippe. **25 años de Historia Oral – II**, La historia oral: balance de un cuarto de siglo de reflexión metodológica y de trabajos Historia, Antropología y Fuentes Orales, v. 1, n. 15, p. 155-170, 1996.

JUCHEM, Luciano. **Motivação à prática regular de atividades físicas**: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis. 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEAL, L. A. M. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista Linguagem**, n. 18, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 10ª reimpressão. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 2007.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; BOLSMANN, Chris; ALMEIDA, Bárbara Schaustek de; SOUZA, Juliano de. A Copa do Mundo Fifa na África do Sul/2010- como foi a experiência e o que podemos aprender com ela? **Movimento**, v.20, n. 2, p. 711-733, 2014.

MARTINI, S. R. de B. **Memórias dos Atletas Olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses (1960-1972)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências

do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79519/000901603>. Acesso em: 01 de dez. de 2021.

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; BAIA, Anderson da Cunha. O itinerário de um atleta olímpico não medalhista: Willy Seewald (*1900 +1929). **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 157-173, julho/2017.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.32, n.1, p.41-57, 2010.

MENEZES, Maria Naiara Gonçalves. **As contribuições da educação física escolar na formação do indivíduo**. Paripiranga, 2021. 70 p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário AGES.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento**, v.18, n.4, p. 155-174, 2012.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

PAES, Viviane Ribeiro; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Políticas públicas de esporte educacional em São Paulo: impactos dos jogos olímpicos de 2016. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 715-728, abr./jun. de 2017.

PAES, Viviane Ribeiro. SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Relações Pedagógicas Entre Educação Física Escolar e Jogos Olímpicos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 443-455, jan. /mar. 2014.

PARRY, Jim. Sport and Olympism: universals and multiculturalism. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 33, n. 2, p. 188-204, out. 2006.

PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental**: Seu uso numa pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001.

PERES L; LOVISOLO H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista de Educação Física da UEM**. 17(2), 211-218, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Enlignee], Colloques, mis enligneele 04 février 2005. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 05 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.229>.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1980.

PIRES, Giovani. Jogos Olímpicos e a Dialética Global-Local: os catarinenses em Atenas/2004 na mídia impressa regional. In: SANFELICE, Gustavo Roesse; MYSKIW,

Mauro (orgs). **Mídia e esporte**: temas contemporâneos. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

RATIER, Rodrigo. Educação Física escolar não deve formar atletas, diz professor da USP. **Ecoa UOL**, 05 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2021/08/05/educacao-fisica-escolar-nao-deve-formar-atletas-diz-professor-da-usp.htm>. Acesso em: 15 dez. 2012.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; PINTO, Leila Mirtes Magalhães; RODRIGUES, Rejane Penna; ENGELMAN, Selda (org). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 270, 2009.

ROCHE, Maurice. **Mega-events and modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. New York: Routledge, 2000.

RONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996)**. Anais do XVII Encontro Regional de História—O lugar da História, v. 6, 2004.

RUBIO, Kátia. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

_____. **Legado de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. 608 p.

_____. Alteridade e cidadania como caminhos para a compreensão da diversidade e do multiculturalismo na Educação Olímpica. In: REPPOLD FILHO, Alberto R. et al. (org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, p. 270, 2009.

_____. **A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros**. *Acervo*. 27(2): 93 – 105. 2014.

_____. Identidade heróica e narrativas biográficas: a memória do esporte por atletas olímpicos. **Olimpianos**, v. 3, p. 1-24, 2019.

_____. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, n. 108, São Paulo, janeiro/fevereiro/março 2016, p. 21-28. Disponível em www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118234/115760. Acesso em: 05 dez. 2021.

SOUZA, A. C.; SILVA, M. A. A trajetória dos atletas olímpicos brasileiros: um panorama histórico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 3, p. 699-713, 2018.

SAINT-GEORGES, Pierre de. Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômico, social e político. In: ALBARELLO, Luc et al. **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda, 1997.

SILVA, Carolina Fernandes; CARNEIRO, Mayara; MARINHO, Jaqueline. A cobertura dos portais eletrônicos de notícias mineiros sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. In: OLIVEIRA, Ailton Fernando Santana; HAIACHI, Marcelo de Castro. (Org). **Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016**: a mídia, os profissionais e os espectadores [recurso eletrônico]. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2018.

SILVA, C.F.; BORBA, B.L.; MAZO, J.Z. Brazilianathleticism in the 1932 Olympic Games: The participationoftheironman (in Portuguese). **JournalofHuman Sport andExercise**, 16(1proc), S62-S73. Doi: <https://doi.org/10.14198/jhse.2021.16.Proc1.06>. 2021.

SILVA, J. C. O esporte nas séries iniciais: uma questão de relação. **Movimento**, v. 8, n. 1, p. 11-26. 2002.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. A pesquisa qualitativa em Educação Física. **Rev. Paul. Educ. Fis.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87-98, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/download/138481/133918/268706>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SIQUEIRA, Carla; FONSECA, Vivian. **O registro de uma memória em movimento**: o desafio acerca da Rio 2016. Fundação Rui Barbosa, 2017.

SOARES, Tiago. A educação física escolar e o esporte de alto rendimento. 25 f. **TCC (Graduação em Educação Física)** – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5569?locale-attribute=es>. Acesso em: 15 dez. 2022.

TAVARES, O. Referenciais teóricos para o conceito de ‘Olimpismo’. In: DACOSTA, L. P.; TAVARES, O. (ed.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999, p. 15-69.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRUYENS, J.; DE BOSSCHER, V.; HEYNDELS, B.; WESTERBEEK, H. A resource-based perspective on countries’ competitiveadvantage in elite athletics. **InternationalJournalof Sport PolicyandPolitics**. 2014, p. 459-89. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2013.839954>.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

VERENICZ, Marina. O incentivo do Brasil ao esporte precisa ir além das Olimpíadas. **Revista Carta Capital**, 05 de agosto de 2021. Sociedade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-incentivo-ao-esporte-precisa-ir-alem-das-olimpiadas/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZICMAN, Renée. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. Projeto História, v. 4, 1985.

ZIMMERMANN, M. A.; RUBIO, Kátia. A lembrança do professor de Educação Física. In: Rubio Kátia. **Narrativas biográficas**: da busca à construção de um método. São Paulo: Keops; 2016.

ZIMMERMANN, Maria Alice. Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta. **Revista USP**, n. 110, p. 79-84, 2016.